

# CINE

Ano 1º ~ Número 10  
23 de Dezembro de 1935

1\$

24/XII/1935

Director: Fernando Fragozo

# JORNAL



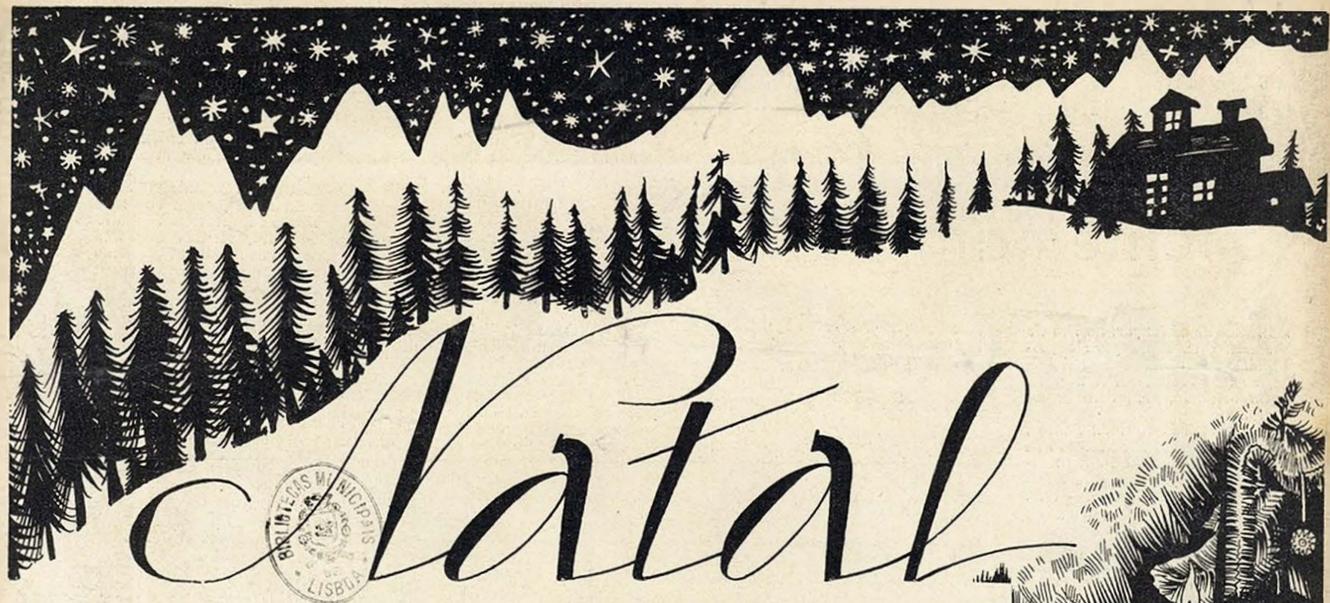
*Joan  
Crawford* da  
*metro*

# NATAL

# 1935



As bonecas e as crianças  
— A poesia do Natal...



**P**ERCORRER o calendário é fazer uma longa viagem através das nossas recordações. Cada data evoca um mundo de coisas passadas.

A lembrança de certos dias resuscita em nós tristezas que vivem escondidas, como pobreza envergonhada, e doces alegrias, que a distância tornou amargas.

O anunciar da Primavera despenha sempre no nosso espírito a saudade duma manhã nos jardins de Sintra: um sorriso que se entreabre; rosas em bolão. O outono faz-nos lembrar o mar, uma onda mais forte que a cubicava e a ia levando...

Cada qual percorre o calendário à sua maneira; para essa longa viagem vai-se sempre sozinho...

Mas se há datas particulares, segredos, mal segredados aos diários íntimos, outras há que pertencem a todos, que nos obrigam a curvar a cabeça à mesma dor ou nos incendeiam os corações, transportados pela mesma alegria.

E a mais expressiva de tôdas é, sem dúvida, o Natal. Se as comemorações dos fastos e das vicissitudes de uma Pátria levam um povo inteiro a comungar no mesmo sentimento, o Natal faz o prodígio de unir num estreito amplexo as cristandades espalhadas pelo mundo.

Nunca como nesse dia se sentirá aquele amor de irmãos que Cristo pregou aos ouvintes duros do homem. E como «amar é perdoar», segundo o ditado francês, também nunca, como nesse dia, nos inclinamos tanto à benevolência, ao perdão da maldade alheia — nós que, todos os dias, tão complacentemente absolvemos a nossa...

\* \* \*

Pode ser que haja quem considere irreverência esta comemoração do Natal, feita por uma revista de cinema, quem não compreenda o gesto do «jongleur» da Noire-

Dame... Embora seja tentador este assunto das relações entre a Moral e o Cinema, nem por isso é de deixar de ser delicado de abordar. O problema, de resto, não ficará bem enunciado, se omitirmos um elemento bastante elucidativo: o público.

A afirmação da imoralidade do Cinema só ficaria comprovada, se nele se verificasse uma tendência no sentido de perverter ou induzir o espectador desprevenido à prática de actos contrários à moral.

Ora o Cinema não possui um ponto de vista seu, particular, sobre moral, como não serve esta ou aquela ideia política, senão muito esporadicamente; é feito para todos, à semelhança de todos.

O público é que alicia as empresas produtoras, as convida, não por carta, mas na bilheteira, a apresentar-lhe o que require. O que se lhe dá não é mais que o reflexo da mentalidade, boa ou má, existente, para a qual contribuem, aliás, outros factores de natureza vária.

O que tudo quer dizer que, mesmo que o Cinema estadesse imoralidade, não faria mais que servir de espelho.

Já se vê que a importância do Cinema cria-lhe necessariamente responsabilidades, e, por isso mesmo, entendemos útil a censura prévia.

Com efeito, contam-se sempre por dezenas, no nosso meio, os visitantes a exposições de pintura, de escultura ou outras manifestações artísticas, enquanto milhares de pessoas acorrem ao Cinema, que constitui, assim, o único espectáculo de arte a que lhes é dado assistir.

A existência das salas chamadas «de bairro» é particularmente estimável, se pensarmos que é nelas que, à mingua de outras diversões, se recreiam as classes menos abastadas.

Enfim, não encontramos fundamento para se poder supor que

este ou aquele defeito próprio de alguém tenha provindo do cinema. Concretizando: se alguma menina se portar mal, por ter visto, em tempos, um filme da Clara Bow, não a levem ao Jardim Zoológico, porque, com certeza, daí por diante, passará a andar com as mãos pelo chão...

\* \* \*

O Natal decorre sempre num ambiente muito característico. É a inofensiva invasão dos soldados de chumbo, o mercado dos brinquedos bem mais interessantes do que nos tempos do fatal dilema jogo da glória — jogo do loto, com a alternativa do dominó. E há também os números extraordinários das grandes revistas francesas, inglesas e — porque não — portuguesas, que constituem um atractivo mais para os lares em festa.

Em qualquer dia do ano as revistas de cinema constituem apreciável refúgio, para quem se aplique a ler o rol das preocupações e calamidades que se imprimem em tôdas as línguas.

Hoje, então, que a Europa se apresenta como um enorme tablado em que tem lugar todo o género de espectáculo, desde a ária do «Corro a salvar-te, Abissínia infeliz» até às «Danças guerreiras do Príncipe... Nassibu», uma publicação que vos fale das graças da Shirley Temple ou das predilecções da Annabella, e, em lugar de revelar as fotografias do último bombardeamento de Tien-Tsing, vos mostre a elegância da última loira fotogénica de Hollywood, deve realmente dar a impressão que provém de um outro mundo mais amável e mais feliz.

É com essa presunção, que sai este número. E se na verdade a atenção do leitor não foi defraudada, se ao voltar da última fôlha, se sentiu mais optimista, sinceramente eu dai lavo as mãos...

ANTÓNIO CARVALHO NUNES



## Os novos estúdios brasileiros

— Mas se acha que para a Favella, o material técnico aqui existente foi deficiente, não receia que esse inconveniente se repita na produção de *Quinze dias de felicidade*?

— Esse inconveniente está a ponto de ser remediado, nem outra coisa era de esperar da actividade e do espirito de iniciativa de Carmen Santos. A Brasil Vita Film já está construindo os seus novos e importantes estúdios, na Tijuca. Tão importantes que ficarão mesmo sendo os maiores e os melhores da América do Sul e em todo o caso os mais bem apetrechados. Disporão de todos os melhoramentos modernos, de abundante material de iluminação e de dois amplos «plateaux», o que permitirá o trabalho continuo. E, além disso, serão munidos de novos e completos laboratórios para os trabalhos de revelação e correlativos, officina essa que é, a meu ver, a que mais falta está fazendo no Brasil. Já vê que, por esse lado, nada há a recear. Quando a «troupe» partir para Portugal para filmar, passado o Carnaval, já as obras estarão adiantadas.

No seu regresso, em Julho, de-certo estará tudo pronto na Tijuca para lá se fazerem os interiores».

## As vantagens do intercâmbio

E o sr. H. da Costa concluiu:

— Eis aqui tudo o que lhe posso expôr, por agora. Só me resta dizer-lhe a minha satisfação por ter levado a bom termo este acôrdo que, creio, vai dar um enorme impulso ao cinema dos dois países irmãos, estreitando ainda mais, se é possível, os laços que os unem. Os povos, como os individuos, só têm a ganhar em se conhecerem melhor. E, por minha parte, não sei de mais poderoso, moderno e eficaz meio de penetração espiritual e sentimental do que o cinema...

Nos nossos números transactos, longe de supor o que se estava preparando, advogámos a necessidade do intercâmbio cinegráfico luso-brasileiro, encarecendo-o sob o aspecto da exhibição.

Regosijamo-nos porque essa ideia se tenha tornado realidade e profundo, até, invadindo o campo da produção. Se fôrem convenientemente doseados os elementos dum e doutro país, e ponderados os aspectos vários da realização — estamos em crer que o nosso cinema não poderá deixar de beneficiar com o facto.

Em léda a parte do mundo, se buscam colaborações internacionais. E não necessitam os filmes de abdicar das suas características nacionalistas, para que elas resultem inteiramente. Confiamos na visão e na intelligencia de H. da Costa, que tantos sacrificios tem feito pelo cinema português, certos de que as bases do acôrdo por elle firmadas se vão traduzir numa produção que interessará os países onde se fala a nossa lingua, mercado vastissimo que seria crime desprezar.

Segundo informações fidedignas, H. da Costa adquiriu para o nosso país os filmes Favella dos meus amores, Sete maravilhas do rio, Cidade Mulher, e Allô, Allô, Carnaval, reconhecidos pela critica como os mais representativos do cinema brasileiro. Desta forma, Portugal deixará de estar fechado aos filmes brasileiros, que, tudo indica, nos podem interessar — paradoxo esse que verbemos já nas nossas colunas. — F. F.

parece-me que apreendi certas afinidades, certos traços comuns que ligam uma nação à outra, sem ser unicamente por via étnica... Há uma alma brasileira que se identifica, muito, com a alma portuguesa; é essa que se vai procurar exprimir em *Quinze dias de felicidade*, sem recorrer a sortilégios de nomes, para conquistar mercados. A Brasil Vita Film e o Bloco vão para essa empresa comum, abertamente, em puro «fair-play» com o público de lingua portuguesa.

## Os técnicos e realizadores

— E a parte técnica, a quem será entregue?

— O filme será dirigido por Humberto Mauro, um «self-made director», se assim o uso exprimir-se e que já deu provas cabais do que é capaz, nessa *Favella dos meus amores*, que, se atendermos aos recursos técnicos que aqui há e aos meios com que foi produzida, se pode considerar como uma obra prodigiosa. Humberto, com o desprendimento e a modéstia dos verdadeiros artistas, aceitou a super-visão de António

uma propaganda intensa e gratuita da nossa terra, da nossa paisagem, das nossas grandes possibilidades.

## O primeiro filme a realizar

O jornalista interroga:

— No noticiário ontem divulgado faziam-se referências ao primeiro filme a realizar, ao género, intérpretes, e local



Carmen Santos, pela «Brasil Vita-Films», assina o acôrdo com H. da Costa (que figura à esquerda) para a produção de filmes falados na nossa lingua

de filmagem. Poder-nos-ia dar alguns detalhes?

— O primeiro filme, será uma comédia musical, e tem como titulo provisório *Quinze dias de felicidade*. A vedeta será Carmen Santos, com o seu temperamento de grande amorosa, e terá como «leading-man» um galã do teatro português, que, oportunamente, será designado. Os outros artistas, brasileiros e portugueses, ainda não estão escolhidos. Uma parte da acção decorre em Portugal — no Estoril, em Sintra e no Minho — e a outra parte nesta cidade verdadeiramente maravilhosa, que é o Rio e cuja poesia cidadã ainda, francamente, não vi transposta para a tela. Será um filme de ligação, *Quinze dias de felicidade*, um filme-rio — sem jôgo de palavras — que virá ligar o rineão lusitano à capital carioca, pela magia do Cinema. Um filme, em suma, que os brasileiros e os portugueses «sintam» — e não apenas «vejam»...

Nestes seis meses que venho passando, já, no grande país em que estamos,

# Está firmado o primeiro acôrdo luso-brasileiro, em matéria de produção cinematográfica!

**A** ACABAM de se lançar, no Rio de Janeiro, as bases para o primeiro convênio cinematográfico luso-brasileiro. A noticia, pela sua importância, pode considerar-se sensacional.

Assinaram o acôrdo Carmen Santos, directora-presidente do Brasil Vita-Films, «a expressão máxima da cinematografia brasileira» — para me servir das palavras dum jornalista carioca — e H. da Costa, o «activo produtor português, a quem devemos Gado Bravo».

Sérgio Ferraz, o prestigioso director da importante revista corporativa Cinema, escreve: «esta coligação é, no actual momento cinegráfico brasileiro o acontecimento de maior vulto».

Damos, a seguir, alguns pormenores, transcrevendo, nos seus pontos essenciais, a entrevista com H. da Costa que a Pátria, do Rio de Janeiro, publicou no seu numero de 12 do corrente:

## Porque se fez o acôrdo

As nossas primeiras perguntas sobre a assinatura do acôrdo, o sr. H. da Costa longe de fugir à entrevista que a sua presença nos tinha levado, respondeu-nos:

— É verdade. Acabo de concluir um acôrdo com a «Brasil Vita Films», de que é animadora essa apaixonada da arte das imagens moventes e pioneira do cinema brasileiro; Carmen Santos. Propomo-nos realizar filmes em conjunto, de lingua portuguesa, e ficar assim a dominar o enorme mercado cinematográfico que é o Brasil, Portugal e suas Colónias, reunidos.

— Mas não podia qualquer filme português ter essa ambição?

— Podia. Mas isto que é muito bonito na teoria, é infelizmente muito diferente da prática. Veja o que tem acontecido com esses filmes portugueses de que falo. Quem por elles verdadeiramente se tem interessado é a Colónia Portuguesa. O público brasileiro, esse, prefere uma boa produção em lingua estrangeira, com legendas em portuguez. É esse o resultado das minhas observações «iu loco» e tendo já em conta o acolhimento, verdadeiramente excepcional, que *Gado Bravo* teve da parte do público que não é português. Foi, como se sabe, o filme lusitano que mais agradou aos brasileiros, e apenas a ansia natural de procurar fazer mais e melhor, me levou a pensar numa colaboração luso-brasileira, para a produção ao inteiro gôsto dos dois públicos, d'Aquém e d'Além Atlântico.

## O público: 50 milhões

E a Pátria comenta:

Escusado será demonstrar aos nossos leitores o que essa colaboração luso-brasileira poderá constituir, num futuro próximo, para as indústrias cinematográficas dos dois países irmãos. Se o cinema português fica a contar com o bom acolhimento do nosso grande público, visto que são os nossos artistas, é a nossa música, e os nossos costumes, que tomam parte integrante na sua realização — o cinema brasileiro terá desde já, a certeza de ser visto não só pelos nossos quarenta milhões de habitantes, mas ainda por esses dez milhões de Portugal e Colónias, que só por si farão

Lopes Ribeiro. Este já em *Gado Bravo* deu a medida do que é. Chega a ser pleonasma dizer-se, hoje, que Lopes Ribeiro está consagrado pelos públicos mais exigentes da Europa, que elle é, e de muito longe, sobre os outros, o melhor realizador que temos em Portugal... Quanto a direcção geral da produção — ela foi-me entregue, como em todos os filmes em que o Bloco H. da Costa participa ou produz.

## Em Março, iniciar-se-à o primeiro filme do convênio, «Quinze dias de felicidade», cuja acção decorre inteiramente, em Portugal e no Rio de Janeiro

# a carreira sentimental de Joan Crawford



1  
 Desde pequenos,  
 Joan Crawford e  
 Douglas Fairbanks  
 gostaram um do  
 outro...

2  
 Foram crescendo e  
 sempre amigos, encen-  
 traram-se no Riviera,  
 a jogar o tênis...

3  
 Casaram contra volun-  
 tade do Papá Douglas que  
 não gostava de Joan, a  
 quem, em termos,  
 fixara a corte...

6

## COMÉDIA DRAMÁTICA

4  
 E Joan tirou este re-  
 trato, para nunca mais se  
 esquecer do dia "mais fe-  
 liz da sua vida!"

5  
 Joan e entrou com Fran-  
 chot no dia 11 de Out-  
 tubro p.p.

8  
 E afirma agora  
 que Franchot é  
 o melhor dos  
 maridos...

7  
 Não há mal que sem-  
 pre dure... Franchot Jones  
 apareceu a seu lado em  
 "Uma mulher que vence".  
 E assim começou  
 o idílio...

9  
 Os "Chineses Thea-  
 tre" de Hollywood foram  
 por a marca dos seus  
 lábios no mesmo  
 bico de cimento...

6  
 Após alguns anos  
 de ventania, o casal mo-  
 delo de Hollywood desmor-  
 -de. E Joan passou noites  
 em claro a voltar com a  
 felicidade perdida...

3  
 4  
 5  
 6  
 7  
 8  
 9



A mística religiosa do catolicismo, ou com o poema lírico do Natal ou a tragédia transcendente do Calvário, interessou desde sempre todas as artes e todos os artistas.

O cinema, para não fugir à regra, para de se tem voltado bastas vezes e tem sofrido várias interpretações, mais ou menos interessantes. No entanto, entendo, que não se erra muito da verdade, dizendo que a arte do cinema, quer em tudo quer já mesmo no suoro, ainda não penetrou, ainda não se identificou bem, ou por outra, ainda não compreendeu a essência mística dessa pureza e simplicidade transcendental. Tem-nos dado, em tôdas as interpretações, mais quantidade de espectáculo do que emoção interior. Preferiu-se desde sempre, o esgare teatral, a pompa deslumbrante dos realizadores cenógrafos, o luxo asiático dum guarda-roupa, remontando mais ou menos à época, do que à tragédia íntima das almas simples ou do convulsivamento interior dos pensamentos que se agitam.

Quero dizer com isto que o Cinema nunca atingiu os seus fins? De vez em quando, num filme ou noutro, lá aparece somente uma ou outra amostra; mas, não sei se para se transigir com o baixo gosto do público, o que é certo é que esse drama da humanidade só pouquíssimas vezes e em poucas ocasiões, tem tido um ou outro pormenor superior que dignifique e não saia profanado o título de que se serviu.

Verdade seja que isso não é tarefa fácil que se obtenha assim às primeiras vistas. O drama da vida do doce Rabi, tem sido sempre visto por homens e feito sobretudo para ser visto por homens. É pois esta, senão uma, mas a principal razão da falta de essência mística interior, nas obras religiosas que o cinema nos dá de vez em quando. Estou certo ainda, de que um realizador de cinema, que seis meses antes tinha realizado e feito interpretar com toda a verdade mais ou menos uma banalidade escabrosa, não possui, de forma alguma, não pode integrar-se completamente, ou mesmo até não pode senão muito superficialmente dar-nos uma camada de esgares, os supérfluos espectaculares espalhafatosos dum drama que require muito mais vida interior, muito mais emoção que o cinema, insuficiente e inferior. Primeiro porque por si só já é bastante mecânico, e logo a seguir, porque o homem, que tinha por obrigação e a função do domínio desse mecanismo, se resigna muito comodamente às suas funções de industrial, que à última hora chamon em seu auxílio as suas nevroses de artista, pretendendo interpretar um problema superior que ainda há pouco lhe era indiferente.

É esta improvisação, esta falta de domínio ainda do industrial sobre o artista, poderá, se quiserem, ser o fruto do meio, da época, da vida standardizada em série em que vivemos.

Nunca, por isso, o drama do Calvário ou o místico poema de Belém, po-

derão ter uma interpretação feliz ou que possa comover o cérebro, os olhos e o coração ao mesmo tempo.

Em *Ben-Hur*, filme em que o assunto da vida de Jesus não era o motivo primordial, foi talvez no seu conteúdo de espectáculo que nos últimos anos tem vindo à baila, onde a emoção religiosa mais se fez sentir: um gesto de Cristo aureolado de claridades, uma sombra da cruz em longas perspectivas, um milagre sem a presença do Homem filho de Deus, as conversas que falavam dessa figura cheia de prestígio, sempre em esbatidos lendariamente cinzentos, em concepções de meias tintas, foi do melhor que temos visto. Sim porque fazer uma Vida de Cristo, só falando à razão, à maneira de Renan, desprezando a divindade, a loucura da fé, o delírio da pureza em diversos graus de bondade, são coisas que não se compreendem nem se concebem quando para mais ainda os intuitos positivos do homem sallaram tendenciosamente por cima de tôdas as barreiras dum lógica, feita só para o homem com a indústria entre parêntesis.

Repetindo, pois: o drama mais trágico de tôdas as eras da humanidade não possui a tarefa fácil de ser transportado para a tela, sem receio de cair em teatrics mais ou menos duvidosas. Podíamos, se quiséssimos, analisar aqui tôdas as obras mais ou menos notáveis, que alcançaram e gozaram de sucesso prestigiante entre o nosso público. Esse trabalho, além de inglório, seria maçador. Falámos já de *Ben-Hur*. Citaremos ainda *Rei dos Reis*, filme cujo motivo principal é a vida de Jesus. Não se peça nesta fita pelo demasiadamente teatral; mas, um Cristo tão humano como era o interpretado por esse actor que já nos tinha dado a bela interpretação do *Barqueiro do Volga*, repito, não me convenceu, nem convence ninguém. Qualquer humano de hoje dotado em grau suficiente de bondade, seria um Cristo dessa mesma maneira. Era uma interpretação demasiadamente burguesa da vida de Jesus.

Citaremos também um outro filme. *A paixão de Joana d'Arc*. de Carl

Dreyer, que a-pesar-de Jesus não constituir propriamente o seu drama, a sua essência, era também onde temos visto uma das melhores interpretações da personificação da vida do Redentor. Este trabalho, quasi todo em grandes planos, é do melhor que se tem feito, de carácter religioso, para o cinema. Dir-se-ia que Cristo palpita ali, vive e sofre com a sua fé, com a sua loucura de ideal. A cabeça sofredora de Falconet, por si própria, constituía um drama de Calvário. Mas a tragédia crente que os seus olhos sofriram, as águas fortes dramáticas e transes cheios de angústia dos cinzentos e negros, repito: é do melhor que temos visto em cinema, inspirado no Catolicismo.

Depois do advento do som, ainda mais difícil, ainda mais impossível se torna fazer aparecer a divina figura de Jesus sem o receio, não já do ridículo, mas da farça ignóbil da profanação, compo um Cristo que declama tiradas heroicas em inglês, francês ou alemão. É possível, no entanto, que dessa incrível América tudo surja. Mas, para o bom-senso de todos os públicos, e só para o bom-senso e nada mais, acho que seria o primeiro a repugnar-lhe semelhante desafio. A Paramount viu-se no recurso de queimar todo inteirinho, ainda não há muito tempo, o receio completo dum escabrosidade de Marlène, afrontosa para a Espanha. Estou certo que uma firma que profanasse um filme, abonecadamente cognominado com o nome de Vida de Jesus, teria que seguir e sofrer senão os mesmos vexames, maiores ainda.

Há, no entanto, diversas maneiras para encarnar nos dias de hoje a vida lírica de Jesus, sem o receio da sua profanação. Em todos os países mais ou menos civilizados, se celebram com maior ou menor pompa o Natal, a paixão de Cristo, etc., etc. Portanto ver a personalidade do Doce Rabi, através do conceito que a humanidade faz d'ele seria, senão a mais razoável, a mais admissível das formas de interpretar o Nazareno. Creer é conceber; e conceber é contemplar muito acima das coisas terrenas. A razão da fé nunca poderá

ser demonstrada com a mediocre razão humana, mas antes por uma outra voz, que se quiserem, vem-nos do coração. Ter fé — é amar e crer. Na simplicidade das coisas, encontramos mais facilmente a sua razão de ser. Na pintura e escultura bastas vezes se tem usado estes processos e, como a arte de pintar tem tantas analogias e afinidades com a arte dos movimentos das sombras mecanizadas, porque se não há de aproveitar essa maneira?

Em Portugal, por este processo, há um manancial inesgotável, assim como em Espanha, França, Itália, etc., etc.

Falando do nosso País que é o que mais nos interessa agora para o caso, o motivo e as possibilidades são enormes. Desde as variedades de província para província até à forma, à essência e ao conteúdo. Já Guerra Junqueiro e Unanimo, estavam de acordo completo, ao defenderem a visão da personagem de Cristo em Espanha e em Portugal. Na pátria de Unanimo, o Nazareno mesmo no Natal é sempre a cruz, o calvário e a tragédia da paixão.

Pelo contrário, o Cristo, o doce Cristo dos portugueses, está eternamente lírico, com o seu Natal, a sua consoadá. Dir-se-ia que mesmo em sexta-feira Santa não há a cor róxa nos allares, mas o lilaz de alceim, e o verde-claro-cinzentos dos ramos floridos das oliveiras. Depois nós mudamos o assunto de local para local, desde o Minho esverdeado e viçoso até ao Alentejo doirado, das heranças sarracenas e tristes; as janeiras pelas noites luarentas de Dezembro ou Ano Novo, onde a música mística do nosso folclore se casa à maravilha com o nosso lirismo tradicional. Mas mais muito mais ainda, há a consoadá dos nossos emigrantes, lembrando as pardacentas Beiras, o Minho esfusante, o Douro alcantilado; as procissões, aguarelas de movimento, cor e forma; o haptismo solene dos barcos, nas povoações piscatórias, em dia ou dias certos; a bênção das manadas de bovinos, mures e suínos, passando em doida carreira pela frente dos andores, enramados de verdura de primavera; a quinta-feira de ascensão, com merendas ao ar livre e a Sacramental colheita das espigas e tantos outros usos e costumes que estão arreigados nas indoles das gentes e das terras, como verdadeiras e sinceras manifestações de misticismo religioso.

Ainda não vimos essa maneira de interpretar a essência religiosa em qualquer espectáculo cinematográfico. Em teatro, onde tantas vezes a tela se insinua para as suas provas decisivas, mesmo no teatro português, já isso aconteceu. Cito para um exemplo a peça de Alfredo Cortez — *Lourdes* — que tam magistralmente recebeu a interpretação de Ilda Stichini, essa actriz, lançada à margem do nosso cinema. Não era propriamente a vida do Rabi ou a sua figura que se procuravam esclarecer ou animar, servindo de linha geral. Procurou-se antes uma visão subjectiva



# Variações sôbre uma carta sem data

## e sôbre outros temas por Leitão de Barros

«Cine-Jornal» honra-se de incluir no número dos seus colaboradores o nome prestigioso de Leitão de Barros, que subscreve este artigo, a todos os títulos notável e sensacional. Leitão de Barros, o pioneiro esforçado do cinema português; o artista incomparável, numa multiplicidade de aspectos; o jornalista brilhante, há muito consagrado — comenta, com superior inteligência, o artigo que Augusto de Castro publicou no «Diário de Notícias», de 21 de Novembro, sob o título «Cartas sem data — Os quarenta anos do Rei Cinema». Os seus pensamentos, os seus conceitos sôbre o Cinema e seus detractores — merecem ser lidos e meditados.

E o Cinema não podia encontrar quem, melhor do que Leitão de Barros, tomasse a sua defesa!

AUGUSTO de Castro disse que o Cinema era arte em compota. A verdade é que as conservas, melhor ou pior, sempre se consomem — ao passo que há certos alimentos (no caso certas peças de teatro) que, mesmo frescas, ninguém as digere. Passados anos, então, são cadáveres em que ninguém se atreve a tocar.

Isto quer dizer que há volumes de teatro mais eternamente fechados do que as latas de filme, e que há também peças dramáticas concebidas em «compota pôdre», ab initio.

Mas disso tudo não tem culpa nem o Teatro nem o Cinema.

\* \* \*

O transcendente brinquedo de Lumière não é responsável pelas crianças, grandes ou ingênuas, que brincam com ele. O Teatro — não é responsável pelo mau teatro.

\* \* \*

É de facto lamentável que alguns espíritos profundos e abstractos tenham ainda pelo Cinema um desdém despeitado. Principalmente despeitado. O Cinema não pediu licença às Academias para se tornar a mais forte preocupação do mundo no domínio da emoção estética — e as Academias não lhe perdoam isso.

\* \* \*

É o Cinema — na sua expressão corrente — um espectáculo ingênuo e incompleto?

Talvez. No entanto, do «Arroseur Arrosé» à «Tragédia da Mina» vai uma maturidade.

Se é certo que o panorama cinematográfico é uma imensa plantação de árvores rasteiras, em que, apenas, aqui e além, surgem e se elevam com estatura grande, as obras que contam na evolução do Cinema — a culpa dessa enorme

floresta anã de mediocridades não está no admirável e fecundo terreno, que é o próprio cinema, mas nas espécies inferiores que o povoam.

\* \* \*

Desdubro agora uma revista francesa — a qual se intitula com encantadora modéstia — *le plus grand hebdomadaire du cinema*.

Trata ela algum fundo problema do espírito, relacionado com a arte cinematográfica? Não senhor. Faz um grande inquérito para saber se se deve continuar a chamar *meur-en-scène* ao realizador de filmes.

Mas cinema não é a «bagatelle» francesa, a «política» alemã, a

«propaganda» russa, ou a «série» americana. É outra coisa, acima e diferente.

Julgar e condenar o Cinema — pela infelicidade dos seus dirigentes é tão despropositado como arrasar o edifício do Teatro Nacional por lá se representarem peças más.

\* \* \*

O Cinema está parado — afirma o sr. dr. Augusto de Castro com a mais pessimista desolação.

Não avança um passo — acusa, nervosamente, o autor do «Chá das Cinco»...

No ano em que Luiz Lumière anuncia o relêvo, a seis anos de cassos da invenção prodigiosa do



Rita Cansino. alegoria do Inverno

som fotografado, a pouco mais de onze anos da sensação sobrehumana do «ralenti» e do espectáculo de génio humorístico dos bonecos animados — o sr. dr. Augusto de Castro acha que o Cinema já deu o que tinha a dar. E mais: quanto mais avançar ténicamente, tanto pior. Quanto mais se quiser aproximar da vida — mais a vida o matará.

Porquê? Isso não explica completamente o comediógrafo do «Amor à Antiga».

Mas a gente fica com a impressão de que o sr. dr. Augusto de Castro deseja o Cinema apenas para reportagens e para lições de geografia.

\* \* \*

O mais curioso é que não é nenhum rapaz de hoje o homem que fala assim. Nenhum dinâmico escritor da geração moderníssima que se mostrasse irrequieto e exigente. Antes pelo contrário, é um dos mais elegantes e fluentes, dos mais argutos e subtils cronistas que conheceram ainda a tranqüila e pacata «boa cavaqueira» dos últimos salões da monarquia, que escreveram alguns dos seus êxitos à luz dos bicos de gás, que ouviram ainda o som das tipoias, no lagoado das calçadas, em alguma noite longínqua de estúrdia doirada...

Um escritor do tempo — em que havia tempo... Um comediógrafo amável, moldado na fórmula sedutora e serena dum Caillavet — que acha agora, na vertigem avassalante das artes mecânicas e electro-dinâmicas — que está tudo parado!

Que dirá o sr. dr. Augusto de Castro do Teatro, no mês em que Berlim repõe em cena uma tragédia escrita há 4 mil anos?

\* \* \*

O que estará parado é o génio dramático, não as fórmulas de espectáculo — simples meios oportunos de transmissão.

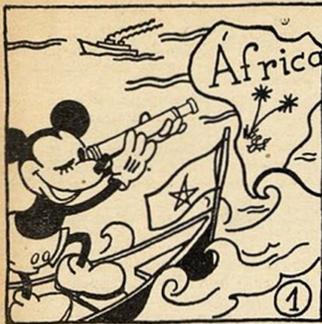
\* \* \*

E, mesmo assim, bastará — para dar retumbante vitória às possibilidades cinematográficas — perguntar qual o criador de espectáculo teatral, qual o artista, nos últimos 40 anos aparecido sôbre a cena, que possa, de longe, comparar-se, em criações humanas, em poder crítico, em filosofia social e em arte pura de espectáculo — a Charlie Chaplin.

\* \* \*

Não prefere o sr. dr. Augusto de Castro, a «compota» de génio de Charlot — a duzentas comédias «frescas» em carne e osso de «boulevard»?

LEITÃO DE BARROS



O RATO  
**MICKEY**  
 É O MOLEQUE  
**KALAMBA**  
 OU KALAMBA, UM NOVO AMIGO  
 DE MICKEY, EM ÁFRICA!



1— Certo dia Mickey —aquele ratoinho tão «ratão» que nós conhecemos — resolveu, por mal dos seus pecados, ir dar um passeio à terra dos «escarumbas». Arranjou trinta pares de calções, daqueles com dois buraquinhos, um grande chapéu colonial, quasi como os dos sinaleiros, e outros instrumentos desconhecidos. Meteu ludo numa mala, duas malas, três malas e, por fim, foi pedir ao patrão que lhe desenhasse um barquillo engraçado, para fazer a travessia. Deu as suas ordens ao barco, recomendou ao mar que fizesse poucas ondas e partiu.

No fim duma grande «soneca» avisou a África e desembarcou.

2— Como trazia uma carta de recomendação, do seu amigo Tarzan, julgou que não encontrava dificuldades. Mas, na tribo em que ele desembarcou, ali ao norte de Angola, não havia boas recordações do Homem Macaco, que comia os cocos e deixava as cascas cá para baixo.

O soba pensou em expulsar o Mickey mas o securo, isto é, o conselheiro, disse que era melhor rapá-lo, por ser muito conhecido em todo o mundo e ter uns bifés muito saborosos.

- Então aquele rato é conhecido?
- Pois é.
- E eu? — perguntou o Soba.
- Você não é.
- Nesse caso vão «prender» rato.

3— A sorte do Mickey foi o moleque Kalamba ter ouvido a conversa. Como era um grande admirador do nosso rato, foi atrás d'ele, pela selva, disposto a protegê-lo. O Mickey ia para a casa desabitada do Tarzan, que lhe tinha emprestado as chaves... Levava até, na algibeira, uma dúzia de gritos-Tarzan para chamar os elefantes, quando fôsse preciso.

4— Entretanto, os negros sollaram os leões do Soba, que gostavam muito de bifés de rato. E os leões começaram logo a farejar o petisco.

5— Quando o Mickey os avistou, pernas para que vos quero, deixou armas e bagagens e, com dois pulos dos seus, chegou à margem do rio, onde se meteu numa piroga. Mas imediatamente se viu cercado de jacarés...

6— Entalado entre os leões e os jacarés, o Mickey ia para meter as mãos

às algibeiras a-fim-de tirar os gritos-Tarzan, mas, logo por azar, tinha deixado as algibeiras na embarcação. Ao avistar os pretos, na outra margem, dirige-se para lá, convencido de que vai encontrar gente amiga.

7— Está claro que foi logo preso, amarrado de pés e mãos, e levado à presença do Soba, que deu pinotes de contente. Chamou o Kalamba e mandou convidar a tribo vizinha, para vir comer bifés de rato, conhecido em todo o mundo.

8— Kalamba não hesitou, largou a correr, mas foi para a administração pedir socorro.

«Sió administradô querem mata bifés de rato conhecido em todo o mundo. Paz favô de manda os cipaios socorrê».

9— Enquanto esperavam pela tribo vizinha, os chinganges — os bailarinos da tribo — sob as ordens do feiticeiro, dançam entusiasmados, com o cheiro do Mickey.

10— O administrador, ao saber que se tratava do Mickey, mandou logo quatro cipaios, dirigidos por Kalamba, para a aldeia — a sanzala como êles dizem.

Nestas alturas, o Mickey sonhava-se já feito em bifés, o que não aconteceu, porque os cipaios prenderam o soba e o securo.

11— Quando os presos chegaram à administração, acompanhados do Mickey, do Kalamba e das bagagens, ouviram uma preensão por quererem comer o nosso amigo.

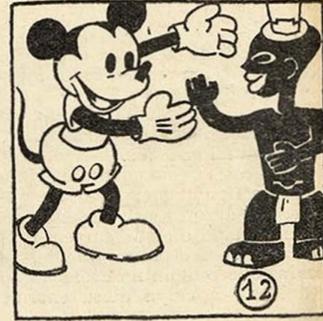
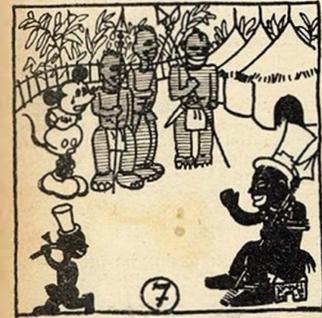
«Qui mal fazia, sió ministradô», disse o Soba.

— Mickey também ser gente, disse Kalamba.

O Soba e o securo olharam muito admirados e a-pesar-de verem o Mickey a conversar com o administrador, não acreditaram e, acreditando ou não, foram cumprir o castigo que lhes tinha sido dado.

12— Ora venham de lá êsses ossos, disse Mickey a Kalamba — e um grande abraço selou o pacto de amizade, que os dois fizeram.

Bonecos de Raül  
 Legendas de Fernando Garcia



**C**INEMA português não existe!  
Vou portanto falar duma coisa inexistente em si, mas de que existem elementos dispersos muito aproveitáveis. Tenta-se também estabelecer a indústria cinematográfica em Portugal. O assunto é evidentemente oportuno. Indiscutivelmente oportuno.

Falae de elementos dispersos aproveitáveis, e esses elementos vou buscá-los — como é natural — aos filmes já realizados. Mas não a todos; unicamente à *Severa*, *Canção de Lisboa*, *Gado Bravo* e *Pupilas do Senhor Reiitor*. Desprezo *Canção do Berço*, *A Minha Noite de Nupcias*, *A Mulher que Ri* e todos os filmes mudos que fizemos.

#### I — Realizadores :

Tenho que me limitar a Leitão de Barros, Lopes Ribeiro, Cottinelli e — porque não? — Manuel de Oliveira, realizador do documentário *Douro, Isina fluvial*.

Não posso citar outros nomes pela simples razão de ainda não se ter proporcionado oportunidade de dirigirem filmes, que sirvam de prova real de aptidões. Estão neste caso muitos e muitos nomes em que deposito uma esperança enorme, nomes que profetizo valores.

De Chlanca de Garcia e Brun do Canto espero que completem o filme que têm entre mãos para se definirem e os definir.

Estou-me a servir de realidades e não de possibilidades: eis porque falo unicamente de quatro nomes.

Manuel de Oliveira no seu filme sobre o Rio Douro revelou-se integrado no ritmo cinematográfico e possuidor duma visão inteligente das imagens. Necessita de treino e de se libertar — se é que ainda possui — da influência da *maneira russa*.

Cottinelli tem a noção do pitoresco e uma alegria saudável. Sabe pôr em relevo, valorizando, o característico dos hábitos — o característico que roça pela poesia e pelo ridículo. É talvez o mais artista dos nossos realizadores. Realça a poesia das coisas duma maneira diferentemente semelhante a René Clair (não estou a apeliá-lo de *René Clair* — português como já para aí fizeram...).

António Lopes Ribeiro realizou o filme português que possui mais cinema, que possui maior valor cinematográfico. Esta grande qualidade manifesta-se sempre e até mesmo no que mais nos interessa: foca os nossos costumes debaixo do seu aspecto cinematográfico. Como exemplo maravilhoso e flagrante desta afirmação está a cena da marcação dos ferros nos touros. Interessam-lhe mais as cenas de vulto que os pequenos pormenores, embora pitorescos.

Leitão de Barros possui a louvável paixão do regional. Serve-se do regionalismo sem o mascarar, sem o aoiachar. Quando o falso não o desvirtua. Os hábitos, os costumes e a tradição apaixonam-no. Não consegue por vezes inculcá-lhe cinema mas revela-nos pitoresco. Leitão de Barros mesmo ao realizar filmes não deixa de ser pintor. As suas cenas são mobiladas e decoradas por um verdadeiro artista: é também notável a sua visão das cenas de conjunto.

Eis um sumário muito sintético das características reveladas nas películas que têm realizado.

#### II — Autores :

De quem têm sido, até aqui, os argumentos dos nossos filmes?

Adaptámos dois livros: um de Júlio Dantas e outro de Júlio Diniz. O argumento de «Gado Bravo» foi feito, propositadamente, por Lopes Ribeiro, para ser filmado. A «Canção de Lisboa» é produto da imaginação de Cottinelli Telmo.

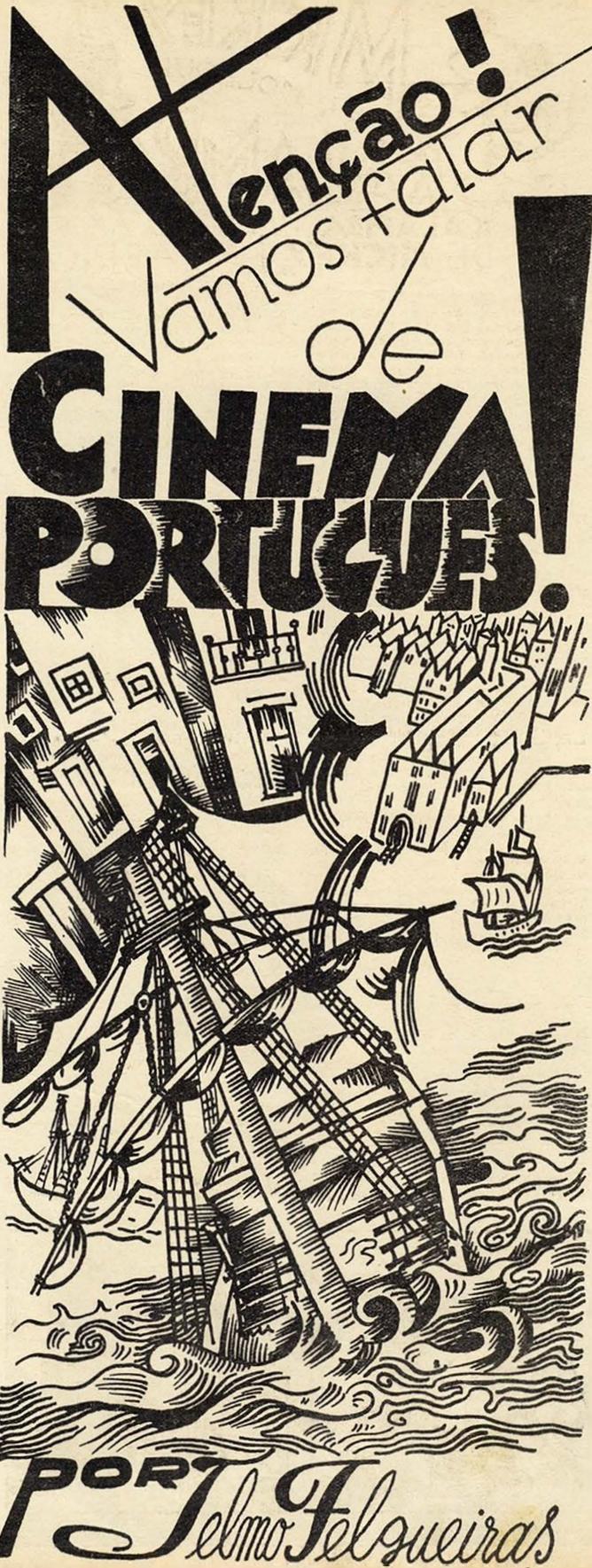
Concluímos: dois argumentos adaptados de obras popularizadas e dois projectados e alterados a bel prazer dos realizadores.

Qual destas formas dá melhores resultados? A primeira é de resultados comerciais satisfatórios embora, como processo, nenhuma delas deva ser seguida como norma, mas sim como caso esporádico.

Que acidentalmente — e o nosso cinema tem sido um caso acidental — se adaptem obras populares é natural e até admissível pois o aspecto comercial tem indiscutivelmente que ser ponderado, muito ponderado mesmo.

#### III — Actores :

Os actores são um dos meios porque se transmite o que se procura criar.



Quando se pensa em produzir um filme no nosso País esbarra-se com este problema importantíssimo e quasi insolúvel: escolher bons actores de cinema.

Ora tanto no meio teatral como entre amadores a dificuldade é espantosa.

O cinema exige certas qualidades que a maioria dos actores de teatro não possuem. Os amadores além da inesperienza possuem todos os defeitos inerentes à educação dos portuenses.

E tanto assim é que ainda só tivemos uma revelação: António Silva. Entre os amadores Mariana Alves é dos elementos com mais possibilidades. Os restantes foram fracassos e casos de geito que necessitam um treino intenso para actuarem seguramente.

Não podemos contar com actores para interpretações com dificuldades demasiadas. Temos — depois duma escolha inteligente — um grupo capaz de desempenhar papéis de responsabilidade relativa.

#### IV — Música e músicos :

A música tem actualmente uma importância primordial.

Quantos e quantos filmes têm triunfado, a-pesar de realizações medíocres e interpretações deploráveis, graças à música? Nos filmes já realizados mostramos não desconhecer esta importância.

Frederico de Freitas adaptou-se perfeitamente ao cinema e ocupa dentro d'ele posição idêntica à que ocupa no teatro. A sua música é acessível, harmoniosa e possui o ritmo e a tonalidade da nossa música popular: sentimo-la.

O filão a explorar é a música regional, rica e variada de provincia para provincia e mesmo dentro delas.

A recolha é em parte difícil pois a actual difusão da música das revistas (por meio de T. S. F., gramofonos e mesmo devido ao mais fácil e frequente convívio com gente da cidade) tem desvirtuado o característico. Nestes últimos anos o povo tem esquecido e abandonado as músicas típicas. É portanto necessário recorrer a músicos que venham desde há anos a dedicar-se a esta tarefa.

Armando Leça, do Porto, possui uma colecção curiosíssima que paciente e inteligentemente vem recolhendo. É uma fonte a que se pode recorrer.

#### V — Arquitectos, decoradores e cenógrafos :

É dentro deste ramo que o cinema pode contar, caso queira, com certezas mais seguras. Escrevo caso queira pois o nosso teatro — teatro ligeiro principalmente — também podia contar com estes mesmos valores mas despreza-os, em virtude da acanhada visão comercial dos nossos empresários.

No cinema, felizmente, não tem acontecido o mesmo.

Na *Canção de Lisboa*, Carlos Botelho, conseguiu — dentro do que se pode conseguir num primeiro filme sonoro que uma empresa produz — erger obra feliz: nas *Pupilas*, Fred Kradolfer fez o que fez e no *Trevo de Quatro Fólias* Keil do Amaral e Bernardo Marques lá vi que levantaram interiores, e principalmente exteriores, felicíssimos.

A estes quatro nomes podemos juntar mais alguns de incontestável merecimento e de visão artística segura.

*Gado Bravo* não necessitou de chamar nenhum artista português deste género, pois as cenas de interiores foram filmadas em Paris.

A Tóbiás, quando pensou filmar o *Amor de Perdido* encarregou Maria Adelaide Lima Cruz de estudar e desenhar a indumentária.

Neste ramo o cinema português segue por bom caminho e pode estar certo de que tem quem o sirva com talento, caso saiba escolher os nomes e atribuir-lhe o valor que possuem.

#### VI — Diversos :

A falta de recursos, tanto materiais como monetários, dificulta e quasi impossibilita a realização dum filme.

A falta de conhecimentos da especialidade e muito principalmente a falta de treino são empêculos com que se tropeça, de instante a instante.

A vinda de técnicos, e só de técnicos, que nos industriem é duma vantagem incalculável.



O Natal, em Hollywood, é, como em tôda a parte, uma quadra festiva. Não tem características típicas, a tradição, o pitoresco — de outros países, onde as comemorações do nascimento do Menino foram sempre as mesmas, através dos séculos. E isto, sobretudo, porque Hollywood é uma cidade-menina, que conta poucos anos de idade, e ainda porque a população, dum cosmopolitismo impressionante, se renova constantemente.

Em Hollywood, o Natal é uma data que se festeja. Mas não é a Festa da Família. As estrelas e os astros da Cine-lândia, muitos dos quais vieram dos confins do mundo, onde deixaram os seus — salvo raras exceções — vivem sós ou com pessoas que não estão ligadas a eles por laços de sangue. Assim, o Natal aviva a recordação das pátrias distantes, dos entes queridos, separados por milhares de quilômetros de mar — e das noites de Natal, das consoadas provincianas até às ceias em família, nos bons tempos em que ainda não eram célebres, em que desconheciam a glória e a fortuna!

Greta Garbo, por exemplo, logo que chega a Novembro, começa a sentir a nostalgia das neves da Suécia, o Natal à lareira, com os seus manjares tradicionais. E fôte de Hollywood, sempre que pode, porque tem, acima de tudo, o culto da família!

\* \* \*

O clima de Hollywood é privilegiado. Não há neves, nem grandes calores. Como em tôda a Califórnia, a Primavera é quase eterna. O grau de humidade é que varia mais sensivelmente, mas a temperatura não tem grandes oscilações. Acontece, por isso, como no ano passado, organizarem-se festas náuticas, nas piscinas, quando a Europa lírica e o norte da América desaparece sob toneladas de neve!

O ano passado, como dissemos, a 25 de Dezembro, Constance Bennelt organizou, nos seus jardins, um «garden-

party» concorridíssimo. A certa altura, como o calor apertasse, todos os convidados despiram os seus elegantíssimos trajes, envergaram um «maillot» e mergulharam, deliciosos, nas águas azues da piscina-gigante de Constance Bennett.

\* \* \*

A população cosmopolita de Hollywood traz, como consequência, uma diversidade apreciável na forma de comemorar a data festiva do Natal. Logo de manhã, os sinos tocam nas capelas e sinagogas. E mesmo aqueles que mais arredados andam dos officios divinos comparecem, nesse dia, nas igrejas católicas, protestantes, etc.— conforme as suas ideias e o seu credo. De resto, é de bom tom—e isso tem uma importância considerável.

\* \* \*

O peru, como em toda a parte, é imolado nesse dia. Criados, amorosamente, durante um ano inteiro, caem sob o golpe certeiro das cozinheiras de Hollywood, que os embriagam com «cognac» ou «whisky». Só depois da abolição da lei seca, o peru morre na América, depois de ter ingerido o clássico cálice de «cognac»—como qualquer «gangster», antes de subir para a cadeira eléctrica.

\* \* \*

O espargo é outro dos manjares de obrigação, nos «menus» do dia de Natal. Pagam-se a peso de ouro, porque são importados da Europa. É claro, se fossem baratos — ninguém se interessaria, por tê-los à mesa, nesse dia.

\* \* \*

Como em Inglaterra, em Hollywood impera o «Christmas-Puddings», com o ramo de azevinho, espetado no topo. É bom?! As opiniões dividem-se, mas, na maioria, todos afirmam que se trata dum bôlo vulgar, cheio de passas, nozes e fruta cristalizada, e com um «môlho»

complicado, onde bailam, por vezes, grandes ameixas cozidas.

\* \* \*

O Natal, na Cinelândia, é a quadra preferida para dar presentes. As ourivesarias, sobretudo, fazem um negócio doido, pois entre estrelas, não se trocam ramos de flores, nem caixas de bombons. O ouro é rei, no Natal. E uma pulseira carregada de brilhantes é uma dádiva que não parece mal, aos olhos de ninguém...

\* \* \*

A árvore de Natal e a visita do Menino Jesus, com o seu saqueto às costas, para encher de brinquedos os sapatos postos nas chaminés— são tradições mundiais. Em Hollywood, o pinheiro vestido de enfeites dourados, brilhando às luzes das lâmpadas de côr, e recheado de prendas tentadoras— encontra-se em todas as casas, quer haja ou não haja meninos.

Porque quando não há hébés nos lares, faz-se a árvore de Natal para os outros. É que nada há que valha a alegria de ver as crianças contentes, em redor da árvore dos seus sonhos.

\* \* \*

Sem tradição, o Natal em Hollywood festeja-se ao sabor dos gostos de cada um, ou em obediência aos hábitos de cada país. Como todos estão representados, em Hollywood, a Cidade do Filme dá-nos uma síntese do Natal, que não vale, por certo, as comemorações singelas, com que qualquer família rústica, do Tirol, dos Alpes ou do Minho, celebra o 1936.º aniversário do nascimento do Menino.

Hollywood, Dezembro de 1935.

HAROLD P. LEAN

(Exclusivo para «Cine-Jornal»  
Proibida a reprodução)





# O GRANDE AMOR DE ANJUCHKA STEN

## PRIMEIRO EPISÓDIO

Moscovo, manhã de primavera. Um automóvel vertiginoso ultrapassou um omnibus que rodava, vagarosamente, pela avenida Twerskog. Uma rapariguinha encantadora que se apeava nesse mesmo instante, sacudida pela velocidade, cai, espalhando uma braçada de livros, que trazia consigo. O omnibus parte sem se importar com ela que ficou estatelada no meio da rua, cheia de desespero e indignação. Mas o condutor do auto viu o que tinha acontecido parou e procura consolá-la, apanhando os livros espalhados. A rapariga não acredita nessa boa intenção e julgando que se riem do desastre mais furiosa fica. Finalmente levanta-se. O estrangeiro, que parece boa pessoa, volta ao seu volante, recordando o acontecimento que o destino lhe deparou.

Duas semanas mais tarde, o mesmo estrangeiro do automóvel, entra num cinema. Mas quando se aborrecia vendo filmes sem interesse alegre-se repentinamente com uma grata surpresa: na tela acaba de encontrar a gentil desconhecida da avenida Twerskog... É uma atriz inexperiente à qual a Repartição de Filmes Soviéticos encarregou de qualquer papel. O estrangeiro nota que se sente, desde já, preso à linda criatura, que via e revia e precisava de a encontrar, custasse o que custasse.

Então muito baixinho repete meigamente Anjuchka Stenski... Anjuchka Stenski... Como é rapaz decidido e possuidor de alguma importância, procura fazer-se apresentar. Envia um amigo à Repartição de Filmes. Passam-se um, dois, três dias, sem saber novas e impacienta-se. Ao quarto dia, o amigo volta cheio de lindas palavras, mas também cheio de desculpas: ele gostaria imenso de lhe proporcionar uma entrevista, mas Anjuchka Stenski está já tão rodeada de admiradores, que não tem vontade de ver esse número aumentado. O nosso rapaz disfarçou aquelas frases tão pouco amáveis, olhando outras mulheres e esforçou-se por pensar noutra coisa.

## SEGUNDO EPISÓDIO

Os anos passaram. Estamos agora em Berlim, no dia de Natal de 1929. O estrangeiro instalou-se em Moscovo, dirigindo uma firma produtora de objectos de cutelaria.

A-pesar-dos grandes e sérios negócios, pensa sempre em Anjuchka e consolava-se bastantes vezes, revendo a sua figura na tela. Neste dia de Natal quando entrava na Câmara de Comércio Russo, o que viu no meio dum grupo de amigos? A sua doce e eternamente amada, mais bela e mais juvenil do que nunca. Desta vez não deixará escapar a bela ocasião e precipitando-se apresenta-se como um velho amigo. A gentil rapariga fica perturbada e cora deliciosamente, quando o rapaz lhe recorda o incidente. Depois da sua perturbação, Anjuchka anima-se um pouco e todos acabam finalmente a rir num delicioso convívio.

Isto que se passou foi o início do seu romance.

Eugene Frenke — assim se chamava o estrangeiro — oferece a Anjuchka com todo o seu amor a sua fortuna, a sua influência e os seus conselhos desinteressados... Ele tem uma grande influência e ela encontra-se desamparada em Berlim não conhecendo ninguém. O governo Russo cedeu a sua acção à «Companhia Tara» para que desempenhe o papel principal do filme que correu «Os irmãos Karamazoff». Mas está tão triste que o trabalho se ressentisse disso, e os directores da produção hesitam em lhe confiar o papel. Faltava-lhe quem a animasse, e agora mesmo teve noticias da sua família por Frenk, que veio de Moscovo há quinze dias. Frenk, tornou-se seu confidente, e ela entrega-lhe carinhosamente a resolução dos seus negócios. Um dia disseram-lhe que Anjuchka não filmaria mais no filme «Karamazoff», e que ia voltar para a Rússia. Que grande catástrofe! Era o fim da sua carreira! Eugene Frenke procura os gerentes da firma e força-os a mudar de decisão.

Tomando a seu cargo o salário da jovem

atriz, obteve autorização para ela retomar o desempenho do principal papel.

Enquanto isto dura, ela estuda com consciência, debaixo da sua direcção severa: corrige-lhe o gosto pelos vestidos vistosos e ensina-lhe a vestir-se sóbriamente. Com este convívio, Anjuchka melhora muito, procura ser menos espalhafatosa, nos gestos e acções. Em alguns meses, Frenke fez dela uma rapariga da actualidade.

Esta nova e encantadora rapariga adquiriu confiança em si própria, e no seu papel de «Os Irmãos Karamazoff», reflecte-se já essa personalidade. O filme fez bastante sucesso, e a posição de Anjuchka ficou assegurada, porque Hollywood interessou-se desde logo por ela. Dentro em breve, tornar-se-ia «estrela».

Anjuchka mora só, numa das duas casas que Frenke mandou construir em Berlim. Como ele tivesse ficado viúvo, com uma filha, Anjuchka vai muitas vezes visitá-lo. Uma vez, chega, mais bela do que nunca, e diz-lhe:

— Querido, venho dizer-te uma novidade. Vou mudar-me.

Frenke prende-a fortemente pelos braços:

— Para onde vals?

— Para tua casa, respondeu ela, com malícia.

Casaram-se, nos fins de 1930.

## TERCEIRO EPISÓDIO

Samuel Goldwyn, que notara esta bela actriz em «Irmãos Karamazoff», oferece-lhe um contrato. O casal Frenke embarcou para a América. O nome de Anjuchka Stenski foi julgado muito complicado para os ouvidos americanos, e modificou-se em Anna Sten.

A nova Anna Sten adaptou-se à moda de Hollywood, acentuando o que a sua luminosa beleza tinha de estranho, e com a *Nana* obteve um verdadeiro e enorme êxito.

(Conclue na pág. 18)



filme-romance em  
três episódios

# PROCURA-SE UMA

# MULHER



**P**OCAS épocas terão sido tão notáveis, como aquela que agora se inicia. E podemos garantir a afirmação — se bem que ainda há pouco a nova temporada tenha começado — porque sabemos, de antemão, quais os grandes filmes que vão ser apresentados e temos sobre eles todas as referências, para aquilatar, antecipadamente, do seu valor.

A Metro Goldwyn-Mayer acaba de nos comunicar a sua lista extraordinária de filmes. É com prazer que dela tomamos conhecimento, não só porque inclui, na realidade, filmes duma categoria notável, como ainda porque nêle se contam os mais recentes, muitos dos quais não fôram ainda exibidos em cinemas europeus.

Longe vai o tempo, em que Portugal exhibia o refugio da produção mundial. O esforço das empresas distribuidoras e exibidoras foi considerável para mo-



# ALGUNS DOS FILMES MAIS NOTÁVEIS QUE VAMOS VER ESTA TEMPORADA



dificar êsse estado de coisas e o certo é que, os cinéfilos portugueses, salvo excepções raras e justificáveis, encontram-se perfeitamente «à page», em matéria de produção cinematográfica.

O início da época foi particularmente brilhante. Vimos Wallace Beery, no espectacular *Águias de Aço*, epopeia dos ares; Greta Garbo, a divina, no maravilhoso *Vêu das Ilusões*, no cenário estranho da China Misteriosa; Joan Crawford, ao lado de Clark Gable e de Robert Montgomery, apareceu nos deliciosos *Noivos de Mary*, a mais trepidante, a mais genial, a mais assombrosa das comédias de Van Dyke; José Calleia, uma revelação dos palcos-de Broadway, e Chester Morris, surgiram em *Herói Público n.º 1*, um filme de «gangsters» de recorte novo, etc., etc.

Estavam-nos prometidos para breve mais filmes de grande classe: *A Ilha do Tesouro*, com Wallace Beery e Jackie Cooper; *Sequoia*, com Jean Parker; *As Virgens de Wimpole Street*, com Charles Langton., Norma Shearer e Frederick March; *A Princesa Endiabrada*, com Jeannette Macdonald e Nelson Eddy; *Testemunha Imprevista*, com Myrna Loy e William Powell; *Tentação Loira*, com Franchot Tone e Jean Harlow, etc.

Pois muito bem! Não contente com

# NOS MARES DA CHINA



# Anna Karenine

cinema americano — era a obra indicada para navegar nas mesmas águas do êxito em que vogara, durante tanto tempo, a *Viúva Alegre*.

Greta Garbo foi novamente designada para intérprete. Frederick March, para galã. E Freddy Bartholomew, a grande revelação do ano, a criança prodigiosa de *David Copperfield*, para encarnar na tela a figura tocante do filho de Anna Karenine, a mulher que se perdeu por amor.

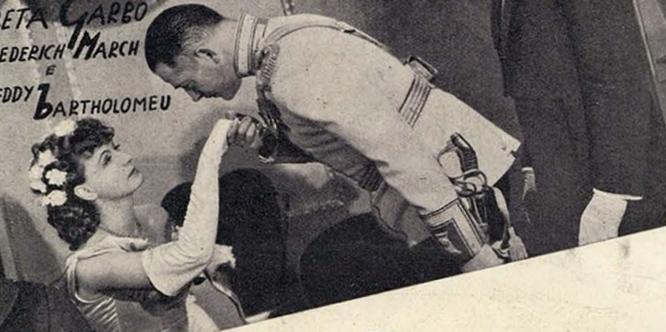
O filme, dias depois de concluído, foi apresentado na Exposição de Veneza. Pela magia dos seus quadros que nos evocam a Rússia esplendorosa dos tempos dos Czares, pelo desempenho perfeito dos três personagens principais, pelo encanto da sua música — *Anna Karenine*, conquistou o troféu máximo do certame: a *Taça Mussolini*.

Não é preciso dizer mais nada...

## Uma estranha aventura, nos mares da China...

*Nos mares da China*, o famoso filme que se está exibindo em Paris, com o título de *La Malle de Singapour* (O correio de Singapura), alcançou na América, tal como na Europa, um êxito louco! As multidões acorreram, como um rio caudaloso que nada consegue deter, para as salas que exibiam tão sensacional produção, e a América telegra-

fou logo, para todo o mundo, as recei-



Realização de Clarence Brown com  
Greta Garbo  
Frederick March  
e Freddy Bartholomew

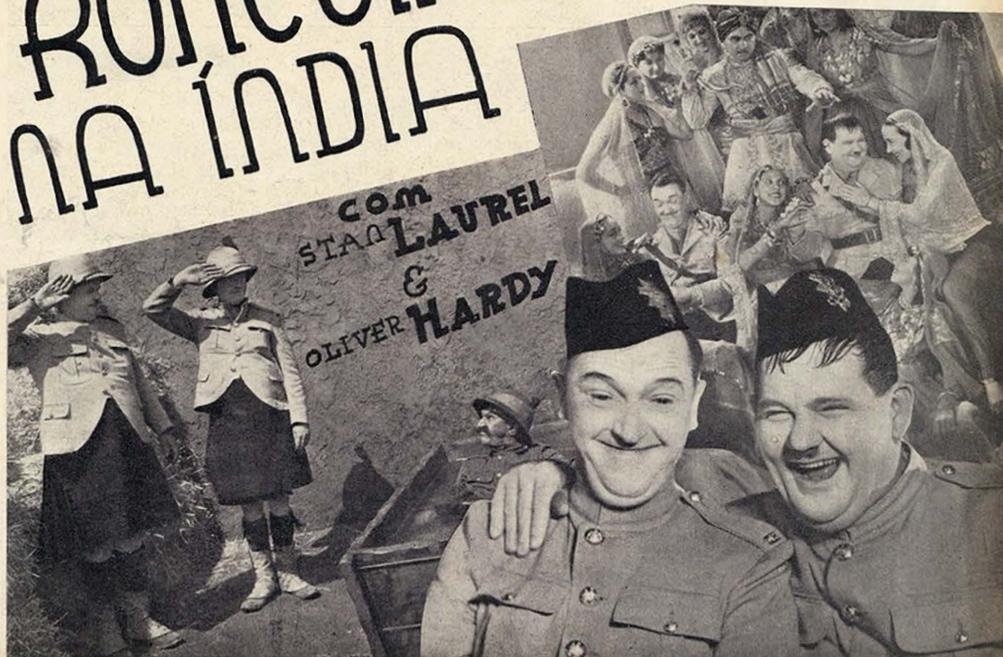
# OS DOIS RONCEIROS NA ÍNDIA

isto, que é muito, a Metro resolveu trazer a Portugal, ainda esta temporada, mais filmes de grande classe. Damos nesta página e nalgumas seguintes, uma síntese gráfica dos mesmos. Acrescentamos, agora, alguns pormenores sobre cada um deles — para pôr em foco o esforço, na realidade digno de nota, que se traduziu neste resultado brilhante: Vamos ter esta época mais alguns filmes de grande categoria, dos mais célebres saídos ultimamente, dos estúdios «yankees».

## A Rússia dos Czares num filme esplendoroso

Logo que a Metro concluiu a *Viúva Alegre* resolveu empreender uma nova produção, destinada a alcançar em todo o mundo o mesmo êxito da obra-prima de Lubitsch.

Após demorados estudos, os técnicos e directores de produção chegaram a um acôrdo: impunha-se a reedição de *Ana Karenine*, cuja história, desenvolvida num quadro mais rico, com cenários imponentes, cenas de grande figuração, com todos os recursos, enfim, do



COM STAN LAUREL & OLIVER HARDY



### Um filme de deslumbramento

O género das revistas musicais, de grande espectáculo, parecia ter caído em desuso. Só raramente apareciam obras da categoria de *Hollywood em Festa*, leves como espuma de «champagne», embriagadoras, pelo seu ritmo. A Metro, lançando *Broadway Melody of 1936*, que, entre nós, se chamará *A Parada Maravilhosa de 1936*, reata as tradições desses espectáculos, com grandes cenários, números de música, «girls» trepidantes em audaciosas marcações.

Este filme revela-nos uma nova vedeta, Eleanor Powell, que vai deslumbrar os cinéfilos portugueses. É uma das grandes atracções de Broadway, e, agora uma vedeta de cinema disputadíssima.

### O ambiente dos circos, num filme assombroso

*O Garoto do Circo*, coloca-nos, ante nossos olhos, novamente, o par célebre de *O Meu Campeão* e da *Ilha do Tesou-*

tas fabulosas, registadas durante a sua exibição.

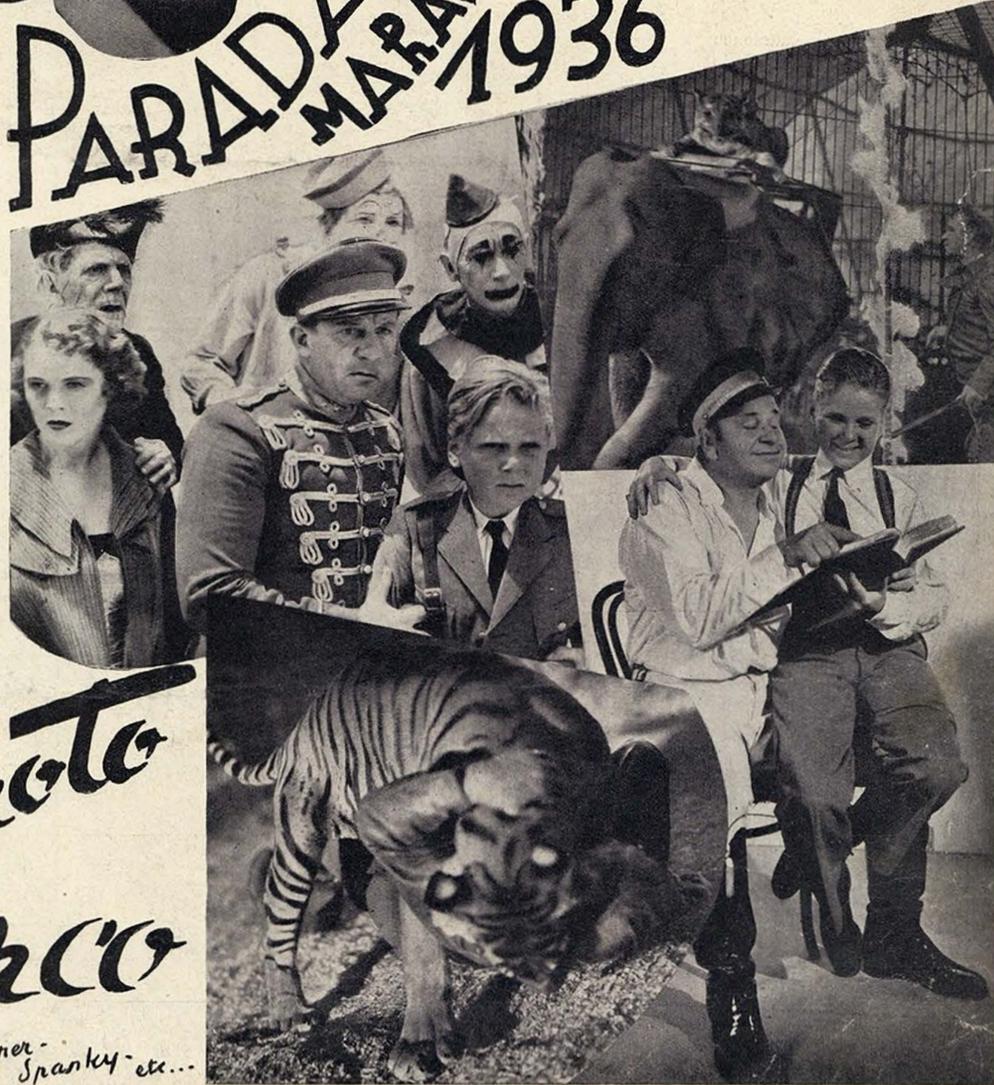
O êxito não nos surpreendeu. E a consequência lógica do interesse do argumento, do prestígio do seu realizador e dos nomes dos intérpretes.

A história, com efeito, desenrola-se a bordo dum paquete, que cruza os mares da China, infestados pelos piratas. Todo o exotismo dessas regiões inquietas Tay Garnett nos dá através das mais movimentadas cenas. E lá temos Clark Gable, no papel de comandante do barco; Jean Harlow, na figura duma aventureira, com bom coração; e Wallace Beery, na figura truculenta dum traficante sem escrúpulos.

### Apurados para o serviço...

Não vale a pena alongarmo-nos sobre este filme. É o primeiro desta série a ser estreado e todos podem vê-lo, dentro em breve, no São Luiz, as prodigiosas aventuras dos dois roneiros na Índia. Inesgotáveis de «verve» e comiidade—Laurel & Hardy, os eternos companheiros, vivem agora, na Índia inquieta e revolta as mais estranhas aventuras. Vê-los é um tónico saudável...

na realização de  
Roy DEL Ruth  
**PARADA MARAVILHOSA DE 1936**



# O garoto do circo

com Wallace Beery - Jackie Cooper - Spanky - etc...

ro: Jackie Cooper e Wallace Beery, o bom gigante e o seu pequeno amigo. O ambiente tão explorado dos circos, é evocado uma vez mais, mas de forma nova. A uma técnica perfeita, alia-se um argumento poderoso, que se agita no meio pitoresco dos espetáculos de cavaleiros, com os seus intermédios cômicos, os seus números dramáticos, «a sensations». O interesse não diminui um momento sequer, neste filme recheado de «clous», de toda a espécie.

### Procura-se uma mulher

É um filme de emoção, de aventuras empolgantes. É uma comédia risonha, movimentada, com duas artistas formosíssimas: Maureen O'Sullivan, a célebre companheira de Tarzan, e Adriene Ames, cuja beleza serena vai impressionar o público.

A América é novamente criticada neste filme, através da acção que a obra nos revela e que empolga da primeira à última imagem.

### Laurel & Hardy, nas suas novas aventuras

Laurel & Hardy estão concluindo um novo filme que não tem ainda título definitivo e que, na sua versão original se intitula *Hot Water*. Os popularíssimos Bucha & Estica encarnam os papéis de dois detetives americanos, em luta com os bandidos da Metrópole do crime.

Não é preciso dizer mais nada. E vão fantasiando as estranhas e cômicas aventuras, a que vamos assistir!

### Uma época brilhante

Para concluir! Feita esta enumeração sucinta das qualidades e caracteris-



*Hot Water*  
(título original)  
com  
Laurel & Hardy



Joan Crawford e Brian Aherm  
na realização de W.S. Van Dyke

QUERO VIVER A VIDA

licas dos filmes que a Metro-Goldwyn-Mayer vai apresentar não será exagerado supôr que um novo êxito, um êxito brilhante, está reservado para a sua programação.

A Metro, depois disto, tem o direito de proclamar bem alto que a sua programação é a melhor — e que, com ela, em glôbo ou de per si, ninguém pode competir.

\* \* \*

Todos estes filmes vão ser exibidos no São Luiz, a prestigiosa sala, que, contratando, em glôbo, a produção da Metro — consagrou-a como a melhor e a mais notável do mercado.

# OS NOSSOS FILMES



ERAM três Maxim's, as três filigranas brancas que se baloiçavam na floresta de cordas e trapézios, no jogo da morte, na luta da vida. Três: êles e ela, Joana, Pedro e Jorge.

Aos três corpos, unia-os uma alma só, feita de sacrifícios e de alegrias comuns.

Bem vincado, bailava na vida dôles, o mesmo desejo ardente, o mesmo sonho de glória e de riqueza.

Como num conto de fadas, esperavam que um dia, alguma varinha mágica os arrancasse da banalidade em que viviam, no trabalho apagado dos circos baratos, que correm as pequenas cidades provincianas.

A varinha encantada seria um empresário que max, o «manager», conseguisse resolver...

Um dia, veio o empresário, um de Paris, cidade de mzes, onde se acastelavam mais vontades e onde as vontades se desjudam mais.

Joana, Pedro e Jorge voaram na pericia fantasma dos seus arrojados saltos, mostraram tudo o que sabiam, as suas maneiras ao brincar com a morte, entre cordas e trapézios, na luta pela sua vida. E foram contraiuados.

Claramente, agora, que o primeiro passo das suas ambições se realizava, a felicidade da camaradagem para, que sempre os tinha unido, aumentaria bastante.

Maisloucas seriam as acrobacias, no desejo cada vez mais louco de triunfar, na riqueza nova que agora possuíam — mais luzes, mais luxo, mais dinheiro... E até a maior exigência do público da capital, que os queria a trabalhar sem rede, lhes dava mais audácia e aumentava o seu orgulho.

Se tudo engrandecia, porque não a felicidade?

\* \* \*

Mas não — a felicidade não quis. Joana era tão linda, delicada, com uma cabeça tão gentil, fios de ouro e um coração tão bom...

E Jorge, aquele Jorge forte e camarada, sentia tanto o seu feitiço, desejava tanto o seu amor...

Os trapézios baloiçam-se, um larga-se, domina o espaço alguns instantes, volta-se num sacão brusco, atinge as mãos seguras que o esperam e, novamente impulsionado, chega à plataforma.

Algumas «passagens», o «duplo cassacou», o «duplo mortal», tudo certo, num ritmo de elasticidade e audácia voluntariosa.

Agora Pedro larga a plataforma, desliza certo, larga-se, mas as mãos de Jorge faltam (porquê?) e Pedro cai na rede.

Logo à noite, trabalha-se sem rede.

Circo; variedades; atrações...

Nas ondas de luz misturam-se ondas de gente, multidão delirante de entusiasmo. Tudo cheio...

Os três Maxim's entram e sobem. Lá de cima, há só uma imensidade de cabeças espetadas, de cabeças que se agi-

a tempo e reconduzido pelo trapézio volta à plataforma. Jorge, do lado de lá, tem um olhar duro, uma máscara rígida e inexpressiva. Pedro mantém a serenidade audaciosa de sempre: vai repetir.

Não, não — Joana não consente...

— Não vás, suplica.

— Vou...

...E ela considera-o perdido para sempre.

Lá em baixo, as cabeças confundem-se numa pasta... Pedro lança-se — para a morte, talvez... Ela não vê nada, as luzes confundem-na, sente zumbidos, desmaia... vá cair.

Mas não... porque Jorge está atento, é preciso salvá-la — e um impulso titânico dos seus músculos poderosos, reenvidiam Pedro à plataforma.

O público, numa loucura de entusiasmo, aplaude, grita...

\* \* \*

Voltam para agradecer as palmas... só dois. E, dominados pela insaciedade da assistência, tornam a subir, decididos, sempre com a mesma elasticidade ritmada, com eterna audácia, só dois, Pedro e Joana, os dois Maxim's, os dois amantes.

E o outro?

(O) outro, vencido pelo destino, sentin-



...Que Pedro, bom e digno como os outros, reconhece um dia, primeiro, que ela o preferia a Jorge, depois que, caso estúpido, êle sentia imbecilmente a ausência da sua voz, do seu corpo e a presença duma ânsia egoísta, que a reclamava só para si.

Erãrn três camaradas que tinham conseguido o sonho do trabalho em que arriscavam a vida...

Pois um dia, passaram a ser dois homens e uma mulher, na loucura do desejo em que arriscavam a felicidade...

Jorge acusou Pedro de o trair. Mas não, este não o traira — era o coração de Joana, sempre tão boa, que os traira, porque gostava de um só e, exatamente, daquele que mais tarde reconhecera também gostar dela.

Discutiram os dois, esqueceram-se de tudo, dos anos de perigos constantes e comuns, insultaram-se — e Joana, derrotada pelo seu leuço, sentiu-se causadora involuntária de tudo, vencida pelo coração, teve desejos de esmagar Jorge, rival de Pedro, seu preterido.

\* \* \*

Circo; variedades; atrações...

Os cartazes gritam, numa linguagem alicante de cor e movimento, mostram o desfile de gênios e de monstros, na baralhada de trapézios, de equilíbrios, de magias e feras domesticadas.

Cã fora, a multidão passa, agita-se, remira os cartazes, no ritmo sacudido da existência quotidiana.

Lá dentro, no ensaio preparatório, Joana, Pedro e Jorge, máscaras impassíveis, trabalham os seus números, fortificam a confiança.



tam, indistintas e emocionadas, alheias a tudo, inconscientes do drama.

Pedro lança-se; um calafrio percorre a multidão... Jorge falhou, retardado no movimento, mas o companheiro viu

do que não é ali o seu lugar, deixa o teatro, sem ódios, derrotado, reconhecendo que a sua presença não pode, não deve perturbar a felicidade dos outros.

FERNANDO GARCIA

# BUCK, O NOVO CÃO ACTOR



No mundo da tela, acaba de aparecer um novo astro-canino, que deixa a perder de vista todos os cães célebres que o cinema tem revelado. Trata-se de «Buck», o famoso São Bernardo, que é hoje o ídolo de Hollywood. Todas as estrelas tiraram já o seu retrato ao lado dele, como se fosse uma autêntica notabilidade mundial. As firmas disputam-no e «Buck», que começou por filmar para a «United-Artists», está agora sob contrato da «Fox» e o seu feliz possuidor tem já assegurada uma fortuna-zinha razoável.

«Buck» revelou-se como um actor consumado, no novo filme de Clark Gable, A Ambição do Ouro. Filmou a seu lado, e de Loretta Young, no cenário majestoso do Alasca, nas regiões das neves eternas. No filme, que nos evoca a epopeia dos pesquisadores de ouro, nos tempos da colonização, «Buck» tem um papel de relevo e comporta-se ante a câmara como um actor seguro e disciplinado.

A nossa gravura mostra-nos «Buck» e os protagonistas, numa cena do filme.

## Atenção! Vamos falar do cinema português!

(Conclusão da pág. 18)

O aproveitamento da nossa variadíssima paisagem é de grande interesse, quando não se cai num filme pseudo-documentário.

O entusiasmo e simpatia do público pelos nossos filmes necessita de ser normalizada por uma produção segura.

### VII — Caminho a seguir:

Surge agora a pergunta: qual o caminho a seguir, para a criação dum estilo português em cinema?

Recordemos os filmes já feitos. Não esqueçamos que O Mistério da Estrada de Sintra, Mistérios de Lisboa, Amor de Perdição, Bocejo, Canção de Coimbra, Aldeia da Roupas Branca e Varanda dos Rouxinóis, são títulos sobre que se planeou e planeia produzir películas.

Pensemos no cinema americano, inglês, alemão, russo e francês (este no tempo do mudo e do advento do sonoro). Reconheçamos que cada um deles, conforme a sua categoria, tem ou teve um estilo.

Vejam também que Portugal possui História e concomitantemente tradição. Foi agredido e cultuando que criámos a nacionalidade e na-

vegando que nos expandimos e engrandecemos.

A Terra e o Mar são a nossa tradição. Para mais tarde conseguirmos impor o cinema português precisamos criar-lhe um estilo, pois só assim se consegue tal desideratum.

É no marítimo, no rural e no bairstro que conseguiremos criar estilo, pois é só aqui que existe Raça.

Dos filmes realizados e projectados, Aldeia da Roupas Branca é aquele que, através do título, mais promete. A nossa vida cidadina (não dos bairros típicos das cidades) é característica. Os filmes com pretensões cosmopolitas são filmes, dentro desta orientação, antecipadamente falhados.

Eis porque comecei por escrever que não existe cinema português. É indispensável que se comece a pensar em criar um estilo português, em cinema, para que exista cinema português. Esse estilo tem necessariamente que surgir dos filmes que focarem a vida do mar, do campo e dos bairros típicos. Focar estes assuntos — é criar o estilo que tem de surgir.

TELMO FELGUEIRAS

## O grande amor de Ana Sten

(Conclusão da pág. 12)

É actualmente, uma actriz internacional, mas o sucesso não a envideceu nem lhe alterou a simplicidade. Continua a apoiar-se no braço forte do marido, e muitas vezes depois de ter desempenhado um papel importante pergunta-lhe, timidamente: «Inflexionei bem o meu papel? Não estava um pouco nervosa?»

Junto dele, Anna Sten sente-se uma criança cheia de mimo; gosta de cozinhar os pratos favoritos e de provar os vestidos novos. A distração predilecta são os longos passeios.

Eugene Frenke adora-a, e tomou por missão guiar-lhe a vida e aplanar todas as dificuldades que pudessem surgir. Por isto, abandonou a Europa e ocupou-se de assuntos cinematográficos. Mas a sua maior ocupação é, sem dúvida, Anna Sten.

Eis a história do grande amor de Anna Sten.

Mas que ficará de todo este grande amor quando o vento de Hollywood apagar a fama desta grande artista?

A fama extinguir-se-á, mas o amor perdura, pois, quando sincero, é eterno.

Vidado pela Comissão de Censura

# A religiosidade no cinema

(Conclusão da pág. 6)

dum facto religioso preso às terras e gentes, para se chegar a essa essência de beleza e de amor. Citei Lourdes, mas quantas obras de teatro não poderia citar. O cinema fica nesse ponto de vista abaixo do teatro. Raras vezes nos fala ao interior. Deslumbra-nos com as emoções que dentro em pouco neuras-tenizariam os sentidos com uma falsa visão das coisas da vida.

Por tradição, a arte das imagens criou em si mesmo uma vida humana, que a despeito, torno, de só falar aos sentidos (e só aos mais superficiais) não lhe repugna que lhe façamos estas acusações tão pouco lisongei-ras — o cinema até hoje não tem contribuído para a função vital. Ainda por cima tem contribuído para o seu aniquilamento com o seu tributo bem bom. Ainda a palavra — Bem — em si mesmo não se deu a conhecer através desse acessório.

Os próprios filmes, que se diziam pacifistas, constituíam mais poemas guerreiros que mais ainda acirravam ódios do que aplacavam iras. O explodir dum canhão, um braço ferido com sangue a gollar, é triste dizê-lo, mas nos primeiros instantes, a primeira coisa que se sente é a reacção de defesa vingativa e não a pomba branca da paz. Esses filmes ainda não eram páginas, a-pesar-de bastantes intuitos do hem — demasiadamente com argumentos que nos não faliassem às brancuras dos nossos sentimentos. Dir-se-á que a máquina, na sua função e vontade de se emancipar, se sente doidamente já em correrias verliginosas para a sua glorieta fatalista de agitadora do mal, usando-se a si própria a seu belo prazer. É preciso, pois, humanizá-la, em vez de mecanizar a humanidade. Poderá isto para muitos parecer um absurdo utópico, uma quimera vã e sem sentido. Mas nós, sem sentimentos, já meio-maquinizados estamos. A dor é-nos muito mais insensível do que a humanidade de há trezentos anos. E é por isso que o espírito requintado da nossa pseudo-civilização, se constringe em tragédias nas quais já a peia da dor e das alegrias não pode ter mão.

AZINHAL ABELHO

## PRODUTOS



N° CAMPOS



DEBELEZA

## RAINHA DA HUNGRIA

A juventude não termina com o primeiro cabelo branco, a primeira ruga, ou o primeiro sintoma de fadiga. O melhor dos sorrisos natural e fresco, pode sempre conseguir-se, se houver o cuidado necessário para que a beleza e a mocidade se mantenham. Da escolha criteriosa dos produtos de beleza que dêem à epiderme a frescura e encanto de uma mocidade fácil de prolongar, depende o êxito do rejuvenescimento tentado. Estes produtos cuja eficiência é, há mais de vinte anos verificada, são o segredo da sua juventude. Saiba utilizá-los. Freqüente os

Salões de estética e de tratamento de beleza por processos científicos

## ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA

Telefone 21866

Avenida da Liberdade, 35-Lisboa

Os nossos produtos encontram-se à venda nas boas casas No Funchal — Casa Lonsrías

As composições gráficas das páginas desta revista são de RAUL FARIA DA FONSECA

## ● NOSSO NUMERO DE HOJE

«Cine-Jornal» apresenta, hoje, o seu primeiro número extraordinário. É modesto, talvez. Mas se extrairmos em linha de conta que ainda agora vamos no n.º 10, se olharmos à colaboração que êle insere, ao magnífico aspecto gráfico, à percentagem de gravuras que contém, e ainda à finíssima capa a cores, com que se apresenta — veremos, facilmente, que representa, na realidade, um esforço notável.

Cine-Jornal deseja aos seus assinantes e leitores, um Natal alegre e um Novo Ano, optimista e feliz — e promete dar-lhe, em 1936, um perú mais pesado do que este — um número do Cine-Jornal, com 40 páginas e todas aquelas maravilhas de cor e de gravura com que sonhamos — e que o tempo tornará em realidades!

## Um bonus aos assinantes

Conforme temos anunciado, até o fim do ano, os novos assinantes anuais da revista que, como tal, se inscreverem, beneficiarão do «bonus» dum mês de graça. Isto é: supunhamos que um leitor fazia, a partir do próximo número, uma assinatura por um ano. Recebia, até o fim de Janeiro, a revista, conforme lhe competia (isto é, os 52 números), e durante o mês de Fevereiro, continuaria a recebê-la, de graça.

Para beneficiar deste «bonus», é necessário que a inscrição se faça, directamente, por intermédio dum simples bilhete postal, na Administração da Revista, na Travessa da Condessa do Rio, 27.

Fazem-se ainda assinaturas a partir do n.º 1, embora os primeiros números do Cine-Jornal se encontrem quasi esgotados.

## Até as Rugas Fundas e os músculos flácidos do rosto



Como o Biocel — Proveniente de Animais Novíssimos, Restitui à Pele a sua Juventude — Provado por Experiências Feitas em Mulheres de 55 a 72 anos

A Ciência sabe agora que é a falta de «Biocel» que faz parecer as mulheres enrugadas e velhas. Assim que este elemento vital é restituído aos tecidos, a pele adorna-se duma nova beleza juvenil. O verdadeiro Biocel foi extraído de animais muitíssimo novos e está agora contido no Creme Tokalon Alimento para a Pele, Cór de Rosa, segundo a fórmula especial do Professor Dr. Stejskal. No decurso de espantosas experiências clinicas, levadas a efeito em senhoras de 55 a 72 anos de idade, as rugas desapareceram por completo (Veja o relatório pormenorizado do Jornal Médico de Viena de Austria).

Uma pele envelhecida e estragada pode ser rapidamente rejuvenescida, as rugas eliminadas e os músculos flácidos do rosto tonificados e enrijados. Use o Creme Tokalon Alimento para a Pele, Cór de Rosa, à noite, antes de se deitar. Fornece à sua pele, que alimenta durante o seu sono, o Biocel que restitui a Juventude.

O Creme Tokalon com Biocel vende-se nas perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando, escreva ao Depósito Tokalon de Lisboa — 88, Rua da Assunção — que responde sem demora.

## CINE-JORNAL

GRANDE SEMANÁRIO CINEMATOGRAFICO

Director: FERNANDO FRAGOSO

Editor: ALVARO MENDES SIMÕES

Propriedade da Editora Lda (em organização)

Redacção e Administração: T. da Condessa do Rio, 27

Telefone 2 1368 e 2 1327

Camp. Imprensa e gravuras BERTRAND (Irmãos), Lda

Trav. da Condessa do Rio 27 — Lisboa

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

PORTUGAL

52 números 1 ano . . . . . 48\$00

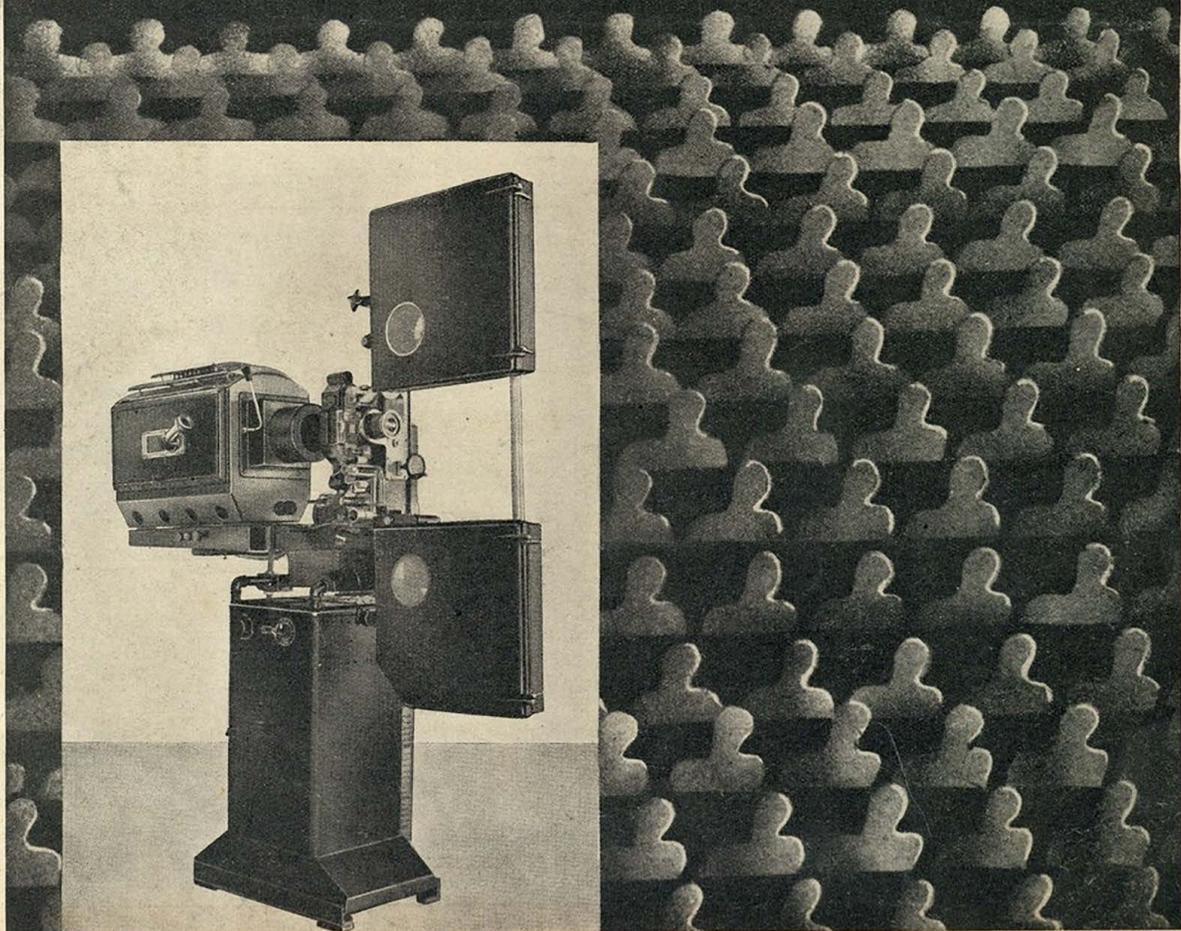
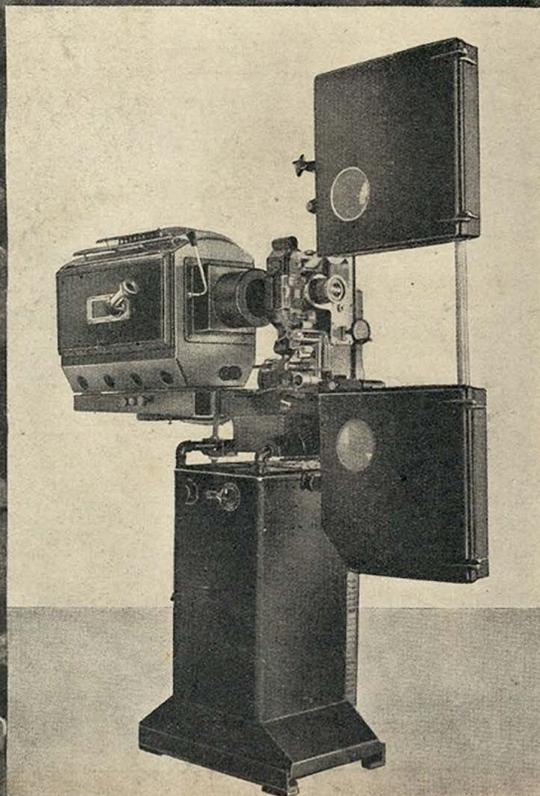
25 . . . . . 6 meses . . . . . 24\$30

12 . . . . . 3 meses . . . . . 12\$00

Estrangeiro e Colónias, 52 num. 1 ano . . . . . 65\$00

# PHILIPS

Oiça e admire o  
som e projeção,  
obtidos com  
PHILISONOR



# CINE-JORNAL

ANO 1.º — N.º 10 — 23 DE DEZEMBRO DE 1935 — SAI TODAS AS SEGUNDA-FEIRAS — 20 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



JEAN KIEPURA  
E DANIELÉ DARRIEUX

na maravilhosa  
comédia musical  
**GOSTO DE TODAS AS MULHERES**  
que a SONORO-FILME  
vai apresentar, em breve, no  
**TIVOLI**

ATÉ O FIM DO ANO: O Bonus de um mês de graça, aos novos assinantes que se inscreverem